

CORPO-TERRITÓRIO E TERAPIA OCUPACIONAL: PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA FRENTE AO CONTROLE CAPITALISTA E PATRIARCAL

*Mar Campos Silva, Katiucia Karen Rodrigues da Silva, e Prof^a Dr^a Licia Helena de Oliveira Medeiros
licia.medeiros@ifrrj.edu.br*

Este estudo propõe uma reflexão sobre as violências e desigualdades de gênero a partir de uma perspectiva interseccional, decolonial e antirracista, articulando gênero, raça e classe para compreender como essas dimensões estruturam o corpo-território e influenciam o cotidiano de mulheres racializadas. A violência que atravessa esses corpos expressa a lógica capitalista na sua nova fase, o neoliberalismo, a sobreposição sistêmica do capitalismo patriarcal, sustentada pela expropriação da vida, da terra e do trabalho. Essa racionalidade moderna-colonial, ao transformar o corpo em força produtiva e o território em recurso, apaga saberes, espiritualidades e modos comunitários de organização, instaurando relações de exploração e controle que limitam a autonomia e a autodeterminação das mulheres. O corpo, entendido como território de existência, é também campo de disputa política. É nele que se inscrevem as marcas da dominação, mas também as potências de resistência e criação. Nos espaços do cotidiano, emergem práticas coletivas que reafirmam o corpo-território como lugar de memória, cuidado e (re)existência. Esses movimentos – produzidos na periferia, nas comunidades e nos territórios populares – desestabilizam as hierarquias de poder e propõem novas formas de viver e habitar o mundo. A Terapia Ocupacional, ao se inserir nesses contextos, é convocada a repensar seu fazer e seu compromisso ético-político. Reconhecer a dimensão estrutural das violências implica assumir uma prática crítica, antirracista e decolonial, que não naturalize o sofrimento social, mas o compreenda como expressão de processos históricos de dominação. Nesse sentido, as ocupações deixam de ser apenas ações cotidianas e passam a ser compreendidas como atos políticos e emancipatórios. Cuidar, resistir, tecer redes, criar e celebrar são práticas que reconfiguram o lugar das mulheres no mundo e afirmam outras formas de existência, sustentadas pela solidariedade e pelo comunitarismo ancestral. Assim como o corpo, o território torna-se campo de luta e de produção de vida, e a Terapia Ocupacional se reafirma como prática comprometida com a justiça social e a transformação coletiva.

Palavras-chave: Violência e Desigualdade de Gênero; Interseccionalidade; Corpo-Território; Terapia Ocupacional; Cotidiano.

Área de conhecimento: Ciências Humanas.

Financiamento: IFRJ.

